



Fundação Universidade Federal do ABC

Pró reitoria de pesquisa

Av. dos Estados, 5001, Santa Terezinha, Santo André/SP, CEP 09210-580

Bloco L, 3º Andar, Fone (11) 3356-7617

iniciacao@ufabc.edu.br

**Projeto de Iniciação Científica submetido
para avaliação no Edital: Nº 04/2022**

Título do projeto: "O lugar do colonialismo em *O Capital*"

Palavras-chave do projeto: colonialismo, Karl Marx, epistemologia, acumulação primitiva, economia política, sociedades não ocidentais.

Área do conhecimento do projeto: Ciências Humanas, Ética e filosofia política

Sumário

I. Resumo	2
II. Introdução e justificativa	2
III. Objetivos e metas	7
IV. Metodologia	8
V. Viabilidade	8
VI. Cronograma de atividades	9
Referências	9

I. Resumo

A pesquisa se propõe a realizar uma leitura da obra *O capital*, de Karl Marx, buscando examinar o papel desempenhado pelo colonialismo na construção do argumento geral de seu Livro I de crítica da economia política. Trata-se de mapear os aspectos políticos e epistemológicos do colonialismo e suas consequências nesta obra. Nesse sentido, busca-se investigar a existência de semelhanças e genealogias entre as formas de dominação e exploração nas colônias e metrópoles e na constituição dos sujeitos que habitam cada um desses polos. Nesse sentido, avançamos com a perspectiva de lutas de classes na Rússia, considerando os aspectos deste campo vindos de uma sociedade não-ocidental em contraste com a crítica de Marx ao colonialismo.

II. Introdução e justificativa

Em continuidade com os resultados de nosso projeto de pesquisa no PDPD (edital 2021), alinhamos o presente projeto no formato da iniciação científica tendo em vista alguns tópicos pelos quais seguimos com a temática do colonialismo na obra de Marx, mas considerando agora temas apoiados na estrutura do colonialismo como estratégia de leitura de *O capital* de Marx. O que nosso projeto PDPD vem evidenciando são os diversos momentos em que Marx opera temáticas ligadas ao colonialismo e, nisto, aborda perspectivas críticas do sistema social europeu. Abordaremos no atual projeto um território muito próximo, mantendo o colonialismo como central na nossa investigação de *O Capital*, mas também levando em consideração outras frentes elaboradas por Marx, como a perspectiva não-ocidental da luta de classes na Rússia.

No capítulo 24 do Livro I de *O capital*, de Karl Marx (1818-1883), intitulado *A assim chamada acumulação primitiva*, o autor debate o processo histórico absolutamente violento de formação dos

pressupostos e fundamentos do capitalismo, de separação entre produtores e meios de produção e de formação de uma classe de trabalhadores assalariados. Nessa excruciante história, a ofensiva colonial lançada pela burguesia europeia a partir do século XV desempenha um papel crucial. É no debate desse capítulo que estão duas considerações de Marx que guiam as principais questões desta pesquisa. Vejamos quais são e em que contexto aparecem.

O capítulo 24, penúltimo do livro, é a conclusão do longo caminho da crítica da economia política de Marx à sociedade burguesa ocidental já estabelecida e “avançada”. Isto é, ele é apresentado após extensa análise dessa sociedade em que o valor, conceito basilar de todo o livro, já se estabeleceu como relação social dominante de modo a tornar a circulação de mercadorias plenamente desenvolvida. O valor, enquanto relação social estabelecida pelo trabalho dos indivíduos, é uma forma historicamente específica e, como tal, passou por um processo de gestação e nascimento. É nesse contexto que Marx desenvolve uma de suas teorias mais conhecidas: a teoria do mais-valor, que expressa a produção de excedente de valor a partir da exploração da força de trabalho. E nisso o colonialismo se mostra uma peça fundamental.

Tal como descrito por Marx (2017, p. 824), no “pecado original” do nascimento do valor, o sistema colonial

era o ‘deus estranho’ que se colocou sobre o altar, ao lado dos velhos ídolos da Europa, e que, um belo dia, lançou-os por terra com um só golpe. Tal sistema proclamou a produção de mais-valor como finalidade última e única da humanidade.

Nesta última frase, nosso autor evidencia a relação entre a produção social do mais-valor e o colonialismo. Mas o que ele quis estabelecer com essa relação e qual a envergadura de sua significação para a construção da teoria e estrutura d’*O capital* como um todo? Surge aqui nossa pergunta espinal: qual o papel do colonialismo na teoria marxiana? De forma sintética, é a essa pergunta que esta pesquisa se propõe a esboçar uma resposta. Na perspectiva de Marx, teria o colonialismo um lugar relevante ou meramente anedótico? No capítulo 24, ele indiscutivelmente possui uma relevância central. Todavia, questionamos, se o colonialismo se faz presente nas páginas anteriores como uma estrutura constante de suas análises, ou ela desaparece nos capítulos que o antecedem, e assim o elemento colonial teria interesse apenas como fenômeno histórico no surgimento desse “novo deus”?

Assim, uma pergunta fundamental para este trabalho é: além de sua evidente dimensão histórica, a compreensão do “deus estranho” teria uma dimensão epistemológica? Se nossa resposta for afirmativa, percebemos que outro conjunto de questionamentos emerge: qualitativamente, seja em termos históricos ou epistêmicos, a crítica marxiana, ao tratar do colonialismo, parte de uma perspectiva eurocêntrica ou anticolonial? Seu argumento histórico é unilinear ou multilinear (ANDERSON, 2019)? O quanto Marx aceitou ou rejeitou a ideologia burguesa positivista?

A questão colonial suscita temas que lhe são inerentes, como o racismo e a escravidão. David Harvey (2013) afirma, em seu guia de leitura de *O capital*, que o valor (e por extensão o mais-valor) é produzido apenas por trabalhadores assalariados “livres” - e é isso que o próprio Marx diz em certos

trechos do livro (2017, p. 82, 83, 114, 143). Mas então por que teria o colonialismo “proclamado o mais-valor como finalidade última e única da humanidade” se o valor só poderia ser produzido na Europa ocidental, local singular do trabalhador assalariado? E por que teria Marx falado, também, em outros momentos (2017, p. 21, 96, 97, 104, 125), em trabalhadores escravizados que produzem valor e mais-valor? Trabalhadores escravizados (ou quaisquer trabalhadores que se encontram sob um regime de trabalho diferente do assalariado) produzem valor e mais-valor? A resposta a essa pergunta possui implicações políticas e epistemológicas relevantes. Se sim, então a teoria do valor de Marx talvez possua uma potência anticolonial; e o colonialismo desempenharia papel epistêmico no mais importante conceito do livro. Se sim, também, o autor comunista estaria supondo outros modos de existência do capital?¹ Também, se outras formas de trabalho produzem valor, então qual a implicação disso para a definição da classe trabalhadora e da luta de classes em Marx? Essa é a deixa para trazermos a segunda frase de interesse dessa pesquisa.

Além da produção do mais-valor, há que se notar que o sistema colonial, de acordo com Marx, baseia-se, “em parte”, “na violência mais brutal” (2017, p. 821). Sua descrição da acumulação primitiva não deixa dúvidas do nível de atrocidade da colonização; e seu debate acerca do trabalho escravizado sob o capital, condicionado pela concorrência e pela reprodução ampliada, expõe como ele tem a particularidade de “ser coroado com o horror civilizado do sobretrabalho” (2017, p. 310). Assim, conclui Marx em uma nota de rodapé, “É preciso estudar essa questão em detalhe, *para ver o que o burguês faz de si mesmo e do trabalhador lá onde tem plena liberdade para moldar o mundo segundo sua própria imagem*” (2017, p. 821).

Eis nosso segundo momento da pesquisa. Já nos salta a pergunta indignada: se é na colônia que o burguês cria um mundo cuja imagem e realidade é a mais fiel ao projeto capitalista, então por que Marx se propõe a estudar o capitalismo na Europa ocidental? Vale ainda perguntar: por que é na colônia que a nudez bruta da sociedade burguesa aparece mais nítida? Aqui, no mundo colonial, onde quase não há trabalho livre, predominam negros e indígenas escravizados, pilhados e “coroados com o horror do sobretrabalho”. Poderíamos concluir daí que, para Marx, a escravização e o latrocínio são a melhor imagem do burguês? Ou melhor, para nosso autor, seria o colonialismo a melhor expressão da natureza do capitalismo? Em última instância, então, haveria algum tipo de semelhança entre senhores e burgueses, escravizados e assalariados - seriam eles primo-irmãos? Daí as incessantes comparações que

¹ Esse é um tema que ele parece elaborar mais detidamente em seu Livro II, quando outras formas de organização do capital passam a ser o objeto de investigação de nosso autor. Nesse sentido, podemos compreender o capítulo 24 do Livro I como um capítulo de transição entre os momentos da análise entre os livros I e II de *O Capital*. Além disso, a resposta possui um vislumbre de clarificação para uma pergunta cara aos intérpretes do Brasil-colônia (PRADO Jr, 2012; FURTADO, 2007): qual o sentido da colonização? Se nos engenhos de açúcar ou café valor e mais-valor eram produzidos e acumulados, então não se pode falar em feudalismo no Brasil, mas em capitalismo escravocrata. Eis aqui um desdobramento que nos é muito importante, mas que não trataremos nesta pesquisa.

Marx faz entre essas quatro categorias²? Caso tenham essa espécie de similaridade, então significaria que a conceitualização de Marx sobre a classe trabalhadora abrange não apenas os brancos assalariados da Europa, mas também os negros e indígenas escravizados que se localizam na periferia capitalista?

Trataremos, portanto, de dois momentos do capítulo 24 do Livro I de *O Capital*: o colonialismo como parte da teoria do mais-valor e as formas sociais desenvolvidas na estrutura violenta das colônias. Vistos em conjunto, os dois momentos desta pesquisa parecem submergir numa crítica aguda da Modernidade capitalista, que não parece ser vista aqui como fenômeno exclusivamente ocidental e europeu. Se verificarmos a profundidade e extensão das duas afirmações na construção do Livro I, poderemos medir se o colonialismo possui a centralidade na produção dessa subjetividade moderna, desse “deus estranho”, o “deus-capital”, que a tudo quer conquistar e subjugar. Nesse ponto, Enrique Dussel (1993), em suas conferências de Frankfurt, descreve a “outra face da Modernidade”, negativa e irracional, que consiste em ser pura violência conquistadora, em ser negação do Outro. Queremos avaliar se Marx atentou-se para esse lado irracional da Modernidade, isto é, se o colonialismo compõe uma parte intrínseca de sua interpretação da Modernidade capitalista. Teria Marx visto o “coração das trevas”, e teria essa percepção constituído sua visão mais ampla da mundialidade capitalista?

De fato, tratar da questão colonial é tratar também de sociedades não ocidentais. Qual atenção confere Marx a elas? Anderson (2019) realça a função epistêmica dessas passagens, em especial no conceito de fetichismo de Marx, um dos mais importantes de sua análise.³ Ao observar um fenômeno como o fetichismo, antes central para compreender os ditos “primitivos” da colônia, nosso autor retorna como uma crítica à racionalidade do capitalismo apoiada num sistema de trocas e valores, mensuradas pela abstração dos processos sociais.

Porém, nas mãos de Marx, observar sociedades não ocidentais também serve de alimento para o exercício da imaginação crítica do que seria uma sociedade comunista - e até que ponto elas são matéria-prima para seu horizonte político revolucionário. Pensar as possibilidades de abertura a partir das dissonâncias entre as diferentes civilizações existentes historicamente. Cabe nos perguntar, ainda, se suas asserções acerca delas são eurocêtricas, naturalistas, fatalistas ou teleológicas ou se, ao contrário, Marx concebe essas sociedades como povos diversos e com histórias multilineares. Para essa tarefa, acreditamos que seus debates acerca da comuna russa, se tomados como uma ferramenta de *auxílio* na leitura de *O capital*, são de grande valor. Supomos que estes escritos são essenciais para esclarecer melhor os objetivos de nosso autor n’*O capital*, para avaliar se há ou não uma potência anticolonial em sua crítica da economia política, para medir como sua obra de maturidade articula

² Nos propomos a analisar a função e profundidade dessas comparações. Seriam elas elementos retóricos ou de construção teórica? Vale notar que elas não se encontram apenas n’*O capital*: são amplamente utilizadas também em seu texto *A guerra civil na França* (1871).

³ O que ressalta até mesmo um vocabulário constante da análise europeia sobre a racionalidade dos territórios colonizados, como um conceito fundamental tal como o fetichismo. Haveria alguma relação histórica entre o fetichismo do dinheiro (esta coisa que pode “até mesmo conduzir as almas ao paraíso” (COLOMBO, 1503 apud MARX, 2017, p. 205) e o ego conquistador moderno, conceitualizado por Enrique Dussel? Ver também SAFATLE, 2010.

capital, colonialismo e sociedades não ocidentais. O que propomos, então, é tomar as comunas russas como instrumento auxiliar na avaliação do argumento histórico e epistêmico de Marx no Livro I. Como poderia esse debate, também, elucidar nossas inquietações em relação aos dois momentos centrais da pesquisa levantados anteriormente?

Em duas ocasiões Marx foi abordado para dar sua opinião sobre o futuro das comunas rurais russas. Justamente, a repercussão de seu *O capital* na Rússia despertou por lá questões similares às levantadas aqui: afinal de contas, como pregava a ideologia liberal dominante, a acumulação primitiva e a aurora burguesa não seria o destino *fatal* de todas as sociedades do planeta? E, seguindo uma interpretação marxista teleológica presente entre os leitores da periferia europeia do Leste Europeu à época, o desenvolvimento do capitalismo e do antagonismo entre capital e trabalho assalariado não seriam a pré-condição sem a qual seria impossível a realização de uma revolução comunista? Seria *O capital* um “manual” universal de interpretação de tudo e todos? A comuna russa se encontrava no meio desse tormento teórico, e havia, de um lado, aqueles que a consideravam como ponto de partida para o estabelecimento do comunismo e, de outro, aqueles que a viam como um resquício pré-capitalista a ser varrido pela marcha inexorável do progresso.

Primeiro, Marx entrevistou na questão numa polêmica acerca de uma resenha sobre seu livro na revista *Notas Patrióticas* e depois a pedido, por carta, da revolucionária Vera Zasulich, do grupo Emancipação do Trabalho. A elaboração do “Mouro” a respeito desse tema evidencia suas intenções n’*O capital*, assim como seu escopo e “validade” aplicável. Diz ele que seu pensamento *não* consiste numa “teoria histórico-filosófica, cuja virtude suprema consiste em ser supra-histórica” (ENGELS, MARX, 2013, p. 69); afirma que sim, a comuna pode ser ponto de partida para o comunismo, pois ela é capaz de incorporar “as conquistas positivas produzidas pelo sistema capitalista sem passar por suas ‘forças caudinas’” (2013, p. 99); atesta, assim, a multilinearidade e a diversidade das sociedades “primitivas”; e, mais impressionante, declara que “não há porque deixar-se atemorizar pela palavra ‘arcaico’”, pois “todo mundo reconheceria nela [na comuna rural arcaica] um elemento de regeneração da sociedade russa e superioridade em relação aos países ainda subjugados pelo regime capitalista” (2019, p. 90). Nesse ponto, para Marx, a revolução seria “o retorno das sociedades modernas a uma forma superior de um tipo ‘arcaico’ de propriedade e da produção coletivas” (2013, p. 95-96).

Como afirmam Musto (2018) e Anderson (2019), a perspectiva antipositivista (que não crê no avanço das sociedades “para frente”) consiste numa virada anticolonial dada por Marx em sua maturidade. Esses escritos, não publicados em vida, indicam uma concepção de tempo que não é unilinear; uma elaboração diversificada acerca dos caminhos possíveis para uma revolução⁴; uma postura não eurocêntrica (e até elogiosa) diante de sociedades e formas não ocidentais, postura essa que não fiava a ideia positivista da fatalidade histórica do desaparecimento do mundo arcaico diante do

⁴ Antecipando, inclusive, o debate acerca da possibilidade da revolução em países subdesenvolvidos, travado ao longo do século XX. Portanto, não é verdade que Marx só concebia a possibilidade de uma revolução nos países de capitalismo avançado.

progresso. Também indicam, talvez, que a construção científica de Marx nunca pretendeu inserir-se num falso universalismo, que consiste acima de tudo em tomar a história da Europa como a história do mundo. Ademais, apontam para a percepção de que a classe revolucionária não se encontra apenas no operariado fabril, pois os camponeses seriam, aqui, a ponta de lança na construção comunista.

O que propomos, então, nesta pesquisa, é tomar o capítulo 24 e o debate acerca da comuna russa como *mirantes* para a leitura e análise que realizaremos do Livro I de *O capital*. A partir desse mirante, examinaremos com que qualidade Marx traz e trata a questão colonial dentro de sua obra de maturidade. Também examinaremos os aparecimentos das sociedades não ocidentais. Queremos investigar o valor epistêmico e histórico que esse debate tem (se tiver) na elaboração marxiana da teoria do valor, da teoria do fetichismo, da luta de classes e do desenvolvimento capitalista em *O capital*. O colonialismo aparece como problema para Marx? Ele compõe a imagem e realidade do capitalismo? A análise da possível conexão, na teoria marxiana, do colonialismo com sua teorização acerca das leis gerais do movimento do capital apresenta assim um potente instrumento de interpretação crítica dos fundamentos do capitalismo - de sua natureza colonial e violenta. Acreditamos ser interessante adotar essa perspectiva para a leitura da obra do filósofo alemão.

Por fim, a relevância de se ler Marx dessa forma acompanha a inquietação que surge com os estudos pós-coloniais e decoloniais quanto à interpretação da obra marxiana, muitas vezes acusada de adotar uma perspectiva eurocêntrica, teleológica e indiferente às questões raciais e sexuais - quando não abertamente acusada de ser racista. À essas interpretações se contrapõe tanto a crítica marxista quanto a teoria crítica que reivindica, de um jeito ou outro, as contribuições de Marx para o tema. Ao reavaliarem a articulação entre a teoria marxiana do capital, acumulação primitiva e colonialismo, estes autores do campo marxista elaboram uma nova conjunção desses momentos.⁵ Apesar dos usos e conclusões diferentes, esse conjunto de autores compartilha a compreensão de que as características e estratégias da acumulação primitiva se fazem presentes em toda a história do capitalismo, e geram ciclos de colonização territorial e dos corpos. De certa forma, toda a pesquisa gira em torno das questões abordadas por Marx no tratamento dos temas contemporâneos, tão caro à periferia do capitalismo, quanto os temas coloniais que ainda por aqui rondam.

III. Objetivos e metas

O objetivo central desta pesquisa é realizar uma leitura de *O capital*, de Karl Marx, a partir de uma perspectiva anticolonial, auxiliada e construída por seus comentadores, de forma a examinar a qualidade da contribuição da questão colonial e das sociedades não ocidentais na construção maior do

⁵ Podemos notar numa literatura mais recente os desdobramentos desse problema. Se David Harvey (2014) se preocupa com a geografia desses processos e sua associação com o neoliberalismo e imperialismo, Silvia Federici (2017) se empenha em reescrever a história da acumulação primitiva a partir de uma perspectiva feminista; ao passo que Lazzarato e Alliez (2021) observam esses processos como declarações de guerra. Apesar da diversidade de assuntos, é interessante notar como nosso capítulo 24 alimenta questões para intérpretes contemporâneos.

argumento histórico e epistemológico de seu livro. A partir de suas fontes, citações, exemplos históricos e teóricos, comentários, narrativas, conceitos etc. tentaremos elaborar a constelação do colonialismo na obra.

Para tanto, seguiremos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar a presença do colonialismo na caracterização da Modernidade burguesa de Marx, tanto em seu aspecto subjetivo quanto no da formação de um sistema de mercados mundial;
- Apreender o que Marx quer dizer com modos de existência do capital e como o colonialismo se articula com isso, à luz da pergunta “qual é o sentido da colonização?”;
- Localizar e avaliar a atenção dada por Marx à questão racial e da escravidão, identificando possíveis relações e entrelaçamentos com o capitalismo assalariado na Europa;
- Localizar a posição de Marx diante do colonialismo e das sociedades não ocidentais (em especial, as comunas russas) atentando para os seus desdobramentos políticos e teóricos;
- Organizar, verificando tensões e encontros, as diferentes interpretações de comentaristas da teoria marxiana no que diz ao debate colonial.

IV. Metodologia

A metodologia desta pesquisa consiste em organizar o material de leitura, estabelecendo as aproximações, contradições e encontros dentro do próprio objeto principal de trabalho, a saber: as interpretações de Marx sobre o colonialismo e sua centralidade na sua análise de *O Capital*. Abordaremos o tema levando em consideração também os caminhos interpretativos apresentados por comentários da obra específica, procurando atualizar os elementos de nossa pesquisa. A pesquisa seguirá acompanhada por reuniões de grupo de orientação e com o orientador do projeto. Para além disso, cada etapa da pesquisa seguirá com a realização de relatórios de leitura, base para discussão nas reuniões de orientação e em possíveis apresentações em encontros científicos.

V. Viabilidade

Trata-se de um projeto teórico de revisão bibliográfica de Marx, notadamente de seus textos em *O capital*, livros I e II, e, em paralelo, as seguintes obras: *Lutas de classes na Rússia e Guerra civil na França*, além de seus comentadores e críticos. A revisão será realizada a partir de amplo levantamento de artigos científicos e livros que tratam diretamente do tema. Este projeto se vincula ao grupo de estudos na UFABC organizado pelo orientador desta Iniciação Científica, que investiga justamente a tensão entre a teoria crítica e a teoria decolonial.

VI. Cronograma de atividades

Etapa 1: O sentido do colonialismo no Livro I de *O Capital*

- Elencar as principais passagens do texto de Marx que permitam identificar como o problema do colonialismo permite compreender o modo de produção capitalista.
- Relatório da Etapa 1

Etapa 2: Atualização dos comentadores da obra de Marx

- Classificação dos textos de comentadores de Marx, considerando as perspectivas que elaboram sobre o papel do colonialismo na obra de Marx.
- Relatório Parcial (com as perspectivas das etapas tratadas até o momento e considerando aspectos iniciais dos próximos movimentos)

Etapa 3: Perspectivas não-ocidentais: as comunas russas

- Análise do texto de Marx e Engels, *Lutas de Classe na Rússia*, articulando os problemas do colonialismo identificados anteriormente;
- Explorar os conceitos de lutas camponesas no debate do colonialismo
- Relatório Final.
- Apresentação da pesquisa no Simpósio de Iniciação Científica

Tabela 1 – Exemplo de cronograma de atividades previstas

Etapa	Mês												
	Set/ 22	Out/ 22	Nov /22	Dez /22	Jan/ 23	Fev/ 23	Mar /23	Abr /23	Mai /23	Jun/ 23	Jul/ 23	Ago /23	Set/ 23
1.a.	X	X	X										
1.b.			X	X									
2.a.				X	X	X							
2.b.					X	X	X						
3.a.							X	X	X	X			
3.b.									X	X	X		
3.c.										X	X	X	
3.d.											X	X	X

Referências

ALLIEZ, Éric e LAZZARATO, Maurizio. *Guerras e Capital* - 1. ed. - São Paulo: Ubu, 2021.

ANDERSON, Kevin B. *Marx nas margens: nacionalismo, etnias e sociedades não ocidentais*. São Paulo: Boitempo, 2019.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. *Marx, prénom: Karl*, Paris: Éditions Gallimard, 2012.

DUSSEL, Enrique. *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: conferências de Frankfurt*. Petrópolis: Vozes, 1993.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*, São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

HARVEY, David. *Para entender O capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. *A Guerra civil na França*, São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *O Capital: Crítica da Economia Política: livro I: o processo de produção do capital* - 2. ed. - São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. *O Capital: Crítica da Economia Política: livro II: o processo de circulação do capital* - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lutas de classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo, 2013

_____. *A Guerra Civil dos Estados Unidos*, São Paulo: Boitempo, 2022.

MUSTO, Marcello. *O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos*. São Paulo: Boitempo, 2018.

PRADO JR., Caio. *História Econômica do Brasil*, Rio de Janeiro: Brasiliense, 2012.

SAFATLE, Vladimir. *Fetichismo: Colonizar o outro*, Civilização Brasileira; 5ª edição, 2010.